

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENFERMAGEM DE CUIDADOS INTENSIVOS DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA USP — PARTE 2: O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM ADOTADO NO CURSO

Ana Maria Kazue Miyadahira *
Maria Sumie Koizumi **

MIYADAHIRA, A.M.K. & KOIZUMI, M.S. Curso de especialização em enfermagem de cuidados intensivos da Escola de Enfermagem da USP - parte 2: o processo de ensino-aprendizagem adotado no curso. *Rev. Esc. Enf. USP*, São Paulo, 21(3): 243-248, dez. 1987.

Nesta parte os autores descrevem como o Curso está estruturado, e também os métodos e as estratégias adotados no processo de ensino-aprendizagem. Especial ênfase é dada ao desenvolvimento da análise crítica e da pesquisa em enfermagem, dentro de um ambiente propício para a troca de experiências entre discentes e docentes, visando o aprimoramento dos profissionais que atuam em unidades de terapia intensiva.

UNITERMOS: *Unidades de terapia intensiva. Enfermagem de cuidados intensivos.*

INTRODUÇÃO

Considerando que os “cuidados diretos de enfermagem a pacientes graves com risco de vida” e os “cuidados de enfermagem de maior complexidade técnica e que exijam conhecimentos de base e capacidade para tomar decisões imediatas” são atividades privativas do enfermeiro¹ e considerando ainda a demanda de profissionais para os cursos de especialização em enfermagem vem crescendo gradativamente², julgamos oportuno fazer um relato da nossa experiência no Curso de Especialização em Enfermagem de Cuidados Intensivos.

Como já mencionado na Parte 1 deste trabalho², o processo de seleção dos candidatos, o conteúdo programático, o processo de ensino-aprendizagem e avaliação adotados vêm sendo mantidos em sua estrutura básica; contudo, algumas modificações foram feitas, de acordo com as avaliações realizadas durante e após cada curso, que serão referidos a seguir.

Desenvolvimento do Curso

Os objetivos do Curso são de que a partir de uma visão globalizada, o enfermeiro através de uma metodologia sistematizada, seja capaz de:

* Enfermeira. Professor Assistente do Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgica da EEUSP. Responsável pelo Curso de Especialização em Enfermagem de Cuidados Intensivos.

** Enfermeira. Professor Assistente Doutor do Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgica da EEUSP, disciplina Enfermagem Médico-Cirúrgica.

— identificar, correlacionar e intervir nos problemas de enfermagem apresentados pelos pacientes em desequilíbrio nutricional, hidreletrolítico e/u ácido-básico; e que apresentem, insuficiência respiratória, cárdio-respiratória, renal e/ou cerebral;

— analisar a problemática da assistência de enfermagem no contexto da Unidade de Terapia Intensiva (UTI) e o desenvolvimento do trabalho da equipe multiprofissional de saúde.

A fim de se atingir estes objetivos, o conteúdo programático é desenvolvido em três fases distintas, porém, interrelacionadas entre si. A 1ª e a 2ª fase têm a duração de aproximadamente 1 mês cada e a 3ª fase, de dois meses.

Na 1ª fase é ministrado um bloco teórico de revisão das insuficiências orgânicas, visando fundamentalmente uma reciclagem de conhecimentos. Embora toda a clientela do Curso tenha experiência em assistir o paciente crítico, como previsto nos critérios de seleção do Curso³, esta fase é importante porque a classe é formada por enfermeiros graduados em diferentes escolas, trabalhando em diferentes hospitais que extrapolam o Município de São Paulo² e até mesmo o próprio País (estrangeiros).

Em relação ao grau de participação dos estudantes, nesta fase, geralmente, ela é menor por ser um período de adaptação ao Curso. A estratégia utilizada é a preleção com eventuais demonstrações no campo e estudo dirigido com textos indicados pelos docentes responsáveis pelas aulas.

Na 2ª fase, antes dos estágios nas UTIs, existe um período preparatório. Isto porque, além de prestar assistência de enfermagem ao paciente crítico, o aluno deve realizar trabalho de pesquisa.

Para cada local de estágio existem três trabalhos a serem desenvolvidos. Assim, no estágio I ele desenvolve o estudo de paciente (anexo 1), no estágio II o trabalho de tema específico (anexo 2) e no estágio III o de tema geral (anexo 3). Cabe esclarecer que os assuntos, tanto dos temas específicos quanto os dos temas gerais, estão acoplados com as unidades de terapia intensiva, que propiciam maiores oportunidades para o desenvolvimento dos mesmos.

Nesta fase do curso a estratégia mais utilizada é a discussão em grupo e tem por finalidade estimular maior participação dos alunos. Eles têm um espaço para discutir e determinar os aspectos que serão desenvolvidos nos temas escolhidos, traçar os objetivos, elaborar e testar os instrumentos a serem utilizados e solicitar a colaboração dos demais colegas.

Embora cada sub-grupo seja responsável por elaborar e apresentar, em sala de aula e por escrito, um tema escolhido, deve ele solicitar a colaboração dos demais colegas da classe para a coleta de dados.

Para o estágio propriamente dito são utilizados 6 a 7 hospitais de São Paulo, que se caracterizam por possuírem unidades de terapia intensiva gerais e terem um Serviço de Enfermagem organizado.

Cada aluno estagia em 3 hospitais diferentes. Recomenda-se que não o façam em seus próprios locais de trabalho. Após a escolha dos hospitais, cada sub-grupo determina o turno desejado. Com algumas exceções, só é permitido um aluno em cada turno.

Partindo da premissa de que os objetivos propostos pelo Curso serão atingidos em diferentes espaços de tempo, de acordo com a experiência prévia de cada aluno, a ele cabe, no início de cada local de estágio, acrescentar os seus objetivos individuais. Cópia destes objetivos são entregues aos coordenadores do Curso e ao enfermeiro responsável por aquela UTI.

Para o estágio recomenda-se ao aluno que ministre cuidados integrais ao paciente, tendo como uma das finalidades preparar o estudo do paciente (estágio I), colete os dados relativos ao trabalho de pesquisa (estágios II e III) e, também, reserve um tempo no período do seu estágio para desenvolver-se nos objetivos individuais e do Curso.

Na 3ª fase, os alunos retornam para a sala de aula para preparar e apresentar os trabalhos programados.

Cada sub-grupo tem dias pré-estabelecidos para apresentação dos trabalhos e nela recomenda-se que a estratégia a ser empregada seja aquela que proporcione maior troca de experiências. De maneira geral, tem havido participação ativa dos alunos em todos os trabalhos. Embora a responsabilidade de cada trabalho seja de um sub-grupo, tem havido colaboração direta ou indireta dos demais colegas da classe, não só na coleta de dados como, também, na apresentação em classe, por meio do relato das experiências individuais.

Todo processo de ensino/aprendizagem é desenvolvido para se desenvolver análises aprofundadas sobre os aspectos abordados em sala de aula. Assim, em qualquer dos temas e seja qual for o aspecto levantado, define-se o problema, analisa-se, faz-se reflexão sobre o fato e procura-se adaptá-lo à nossa realidade. Cumpre lembrar que o Curso não dá regras prontas e nem soluções, apenas estimula o desenvolvimento de análise crítica, dentro de um ambiente propício para troca de experiências entre docentes e discentes, visando o aperfeiçoamento dos profissionais que atuam em Unidades de Terapia Intensiva.

As discussões em sala de aula têm sido bastante enriquecedoras; o fato desses alunos serem profissionais, com conhecimentos diversificados em termos de formação e locais de trabalho, muito têm contribuído para isto. Nesta fase, além da troca de experiência que ocorrem em discussões em grupos, outras estratégias de ensino como painéis, leitura de textos específicos e até mesmo aulas complementares, com especialistas no assunto, são utilizados para enriquecer as discussões.

Os aspectos abrangidos durante as apresentações e discussões, sempre sob a coordenação dos docentes responsáveis pelo Curso, têm sido primordialmente:

— a análise crítica da problemática da assistência no contexto de UTI e o desenvolvimento do trabalho da equipe multiprofissional de saúde;

— a reflexão acerca da profissão de enfermagem;

— as funções do enfermeiro como membro da equipe de enfermagem e da equipe de saúde;

— os aspectos ético legais específicos na assistência ao paciente crítico;

— a pesquisa para fundamentação das ações de enfermagem;

— o preparo do enfermeiro como educador;

— a importância das associações de classe para o crescimento e desenvolvimento da classe.

Após as apresentações dos trabalhos, e seu aprimoramento, mediante as críticas e sugestões surgidas durante as discussões em sala de aula, o sub-grupo responsável escolhe um dos trabalhos de tema específico ou de tema geral para entregar, por escrito, como trabalho final.

Cabe lembrar que, desde o início dos trabalhos, os alunos são orientados para utilizar o método científico e elaborar os trabalhos de pesquisa. Isto se justifica pela necessidade de implementação de trabalhos de investigação que possam contribuir para a produção científica da enfermagem brasileira^{5,7}, pela escassez de trabalhos principalmente de UTI, e pelo fato dos enfermeiros que atuam nesta área estarem continuamente expostos aos avanços da tecnologia e rápida evolução dos procedimentos e terapêuticas. Acredita-se que este estímulo venha alertar os profissionais de enfermagem desta área, quanto à importância deste processo de busca de um corpo de conhecimentos específicos de enfermagem⁽⁴⁾.

Além disso, tendo em vista a importância da divulgação dos trabalhos de investigação científica⁶, os alunos são incentivados a apresentá-los em eventos científicos ou a publicá-los em periódicos de enfermagem.

Considerações Finais

De forma geral, pelas avaliações realizadas durante e ao término de cada curso, temos verificado que os objetivos do mesmo têm sido alcançados e que os métodos e as estratégias adotados têm propiciado discussão ampla e profunda dos aspectos positivos e negativos da atuação do enfermeiro na UTI.

MIYADAHIRA, A.M.K. & KOIZUMI, M.S. Specialization course in intensive care nursing of "Escola de Enfermagem da USP" - part 2: the learning-teaching process. *Rev. Esc. Enf. USP*, São Paulo, 21(3):243-248, Dec. 1987.

In this article, the authors describe the course's structure, methods and strategies applied to the learning-teaching process. Emphasis is given to the critical analyses and nursing research, within a proper environment for the exchange of experiences between teachers and students, looking for the improvement of professionals acting in intensive care units.

UNITERMS: *Intensive care units. Intensive care nursing.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BRASIL. Leis, decretos, etc. Lei nº 7.498 de 25 jun. 1986. *Diário Oficial*, Brasília, 26 jun. 1986. sec. I, p.9273-75. Dispõe sobre o regulamento do exercício da enfermagem e dá outras providências.
2. KOIZUMI, M.S. & MIYADAHIRA, A.M.K. Curso de especialização de cuidados intensivos de enfermagem — parte I: perfil dos alunos. *Rev. Esc. Enf. USP*, São Paulo, 21(1): 55-9, abr. 1987.
3. KOIZUMI, M.S. et alii. Seleção de candidatos aos cursos de especialização. *Rev. Esc. Enf. USP*, São Paulo, 19(2):111-9, ago. 1985.
4. KOIZUMI, M.S. et alii. Análise retrospectiva das pesquisas de enfermagem em terapia intensiva: 1975-1984. *Rev. Esc. Enf. USP*, São Paulo, 20(1):5-17, abr. 1986.
5. NOGUEIRA, M.J. de C. A pesquisa em enfermagem no Brasil: retrospectiva histórica. *Rev. Esc. Enf. USP*, São Paulo, 18(1):17-26, abr. 1982.
6. RODRIGUES, A.L. & RODRIGUES, C.A. Importância da pesquisa em enfermagem. *Enfoque*, São Paulo, 9(4):5-6, mar. 1980.
7. WITT, A. Por que conhecer metodologia de pesquisa. *Rev. Esc. Enf. USP*, São Paulo, 10(3):340-8, dez. 1976.

Recebido para publicação em 7-11-86.

Aprovado para publicação em 15-12-87

ANEXO Nº 1

TRABALHO Nº 1

ESTUDO DO PACIENTE (ROTEIRO)

— Serão realizados 7 estudos de pacientes.

— Cada estudo ficará a cargo de um grupo de 2 a 3 alunos, conforme a distribuição por campo de estágio.

— O estudo de paciente deverá ser feito com base na assistência de enfermagem prestada pelo aluno durante o estágio I. Uma das finalidades desse estudo é propor e discutir a adequação dos métodos de sistematização da assistência de enfermagem em UTI.

— Considerando-se que a classe é formada por alunos formados em diversas escolas e procedentes de diferentes locais de trabalho, foram deter-

minados dois dias para discussão do que é um estudo de paciente (objetivos, métodos, estratégias, avaliação).

— Após a discussão cada grupo deverá apresentar, por escrito, uma ficha que orientará o estudo do seu paciente.

ANEXO Nº 2

TRABALHO Nº 2

TEMA ESPECÍFICO (ROTEIRO)

— Os temas específicos deverão ter um conteúdo predominantemente assistencial.

— Serão desenvolvidos durante o estágio II, sendo cada sub-grupo responsável por um tema a ser apresentado em sala de aula. Os sub-grupos já estarão determinados de acordo com a escala de estágio.

— Além de desenvolver o tema pelo qual é responsável, cada aluno deverá coletar dados relativos aos demais temas específicos. Tais dados serão utilizados para complementação e discussão em sala de aula.

— Cada sub-grupo terá três dias para discutir e determinar que aspectos serão desenvolvidos no tema escolhido, traçar os objetivos e elaborar os instrumentos para coletar os dados desejados.

— Esses objetivos e instrumentos serão distribuídos para todos os alunos, a fim de direcionar os aspectos que deverão ser observados e analisados pelos mesmos.

— Cada sub-grupo terá um dia para apresentação do seu tema e nela recomenda-se que a estratégia utilizada seja aquela que proporciona maior troca de experiências.

ANEXO Nº 3

TRABALHO Nº 3

TEMA GERAL (ROTEIRO)

— Os temas gerais, por sua vez, deverão ter conteúdo predominante administrativo.

— Esses temas serão desenvolvidos durante o estágio III, sendo o esquema de divisão dos sub-grupos de trabalho e de apresentação os mesmos do trabalho Nº 2.